

Adeus à Lenda

"Se eu não fosse para Brasília, talvez eu não tivesse virado jogador de basquete. Foram anos que serviram para trilhar meu caminho"



BOLA AO ALTO

Oscar Schmidt não nasceu em Brasília. Mas, na capital federal, começou a construir a história de amor com o basquete. Passagens pela cidade testemunharam evolução e registraram homenagens

DANILO QUEIROZ
LUCAS ALARCÃO*
ANNA JÚLIA CASTRO*

Brasília não é a terra natal de Oscar Daniel Bezerra Schmidt, mas a capital é, sem margem de erro, o berço da maior lenda do basquete brasileiro. Aqui, ele floresceu para o esporte. Filho de Oswaldo Heini Schmidt, militar de ascendência alemã, e da potiguar Janira Bezerra Schmidt, o Mão Santa é natural de Natal, no Rio Grande do Norte. A relação com o Distrito Federal, porém, é visceral e essencial na figura da qual nos despedimos. Em solo brasileiro, o ídolo conheceu a modalidade pela qual se apaixonou, deu os primeiros arremessos de tantos outros inescutíveis e semeou uma relação de amor com a bola laranja.

A quilômetros da cidade na qual foi formado, em Santana de Parnaíba (SP), o ídolo morreu ontem, às 14h08, aos 68 anos, deixando o basquete nacional órfão da maior referência. Oscar lutava contra um tumor cerebral desde 2011, mas a causa da morte não foi revelada. Vestindo a inseparável camisa da Seleção Brasileira, ele foi cremado à noite.

O cronômetro do jogo da vida de Oscar tem como ponto essencial a "temporada" de 1971, quando a família Schmidt fincou residência em Brasília. Naquela época, o esporte do Mão Santa era outro. Com a Seleção Brasileira atravessando uma era de ouro, o futebol chamava mais atenção. Isso mudou quando Zezão, técnico do astro no Salesiano, o incentivou a procurar o Clube Unidade de Vizinhança. Na 108/109 Sul, conheceu Laurindo Miura, responsável por lapidar o talento no "moleque desengonçado", dono de altura notável para os 13 anos: 1m90.

Oscar jamais esqueceu uma profecia do mentor, falecido em 2021. "Eu a arremessava errado e o Miura reclamava, dizendo: 'Você tem que pôr a bola acima da cabeça'. Eu respondia: 'Mas eu não acerto uma assim!' E ele insistia: 'Você vai acertar, coloque a bola aí que você vai acertar muitas'", relembrou, em passagem por Brasília em 1998. "O professor Miura também já nos deixou e a gente acredita que eles estão se encontrando agora, pois foi uma parceria muito grande na formação do Oscar", afirmou Márcio Humberto, 50 anos, atual técnico do time de basquete do Vizinhança.

Diversos registros relembram a relação de Oscar com o Vizinhança. Jogos e treinos nas categorias infantil e infantojuvenil foram fundamentais para aprimorar Schmidt em direção aos quase 50 mil pontos anotados na carreira. No clube, há uma camisa 14, número eternizado pelo Mão Santa, exposta no memorial de conquistas. O talento o fez permanecer apenas três anos no Distrito Federal. Em 1974, aos 16, chamou a atenção do Palmeiras após se destacar nos Jogos Escolares Brasileiros (JEBs).

Mesmo à distância, Oscar jamais se desvinculou de Brasília. A família Schmidt seguiu radicada na capital, e as visitas incluíram registros históricos do Mão Santa, clicados pela revista Manchete, nas placas da Superquadra 313. Em 1978, ele dava os primeiros passos rumo ao brilho e consolidava uma relação visceral com a Seleção Brasileira, pela qual empilhou títulos de grande relevância e recusou convites para atuar na NBA, a liga norte-americana de basquete.

Em 11 de maio de 1998, dois anos após encerrar a trajetória pela Seleção Brasileira, a passagem

Arquivo Pessoal



Oscar posa ao lado dos companheiros de um dos primeiros times na quadra de cimento do Clube Vizinhança. Na 108/109 Sul, ídolo aprendeu os fundamentos da modalidade

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Lendária camisa 14 do atleta está exposta na entrada do Vizinhança

pelo Distrito Federal reservou um dos maiores reconhecimentos da cidade ao ídolo. Em cerimônia repleta de simbolismo no local onde deu os primeiros arremessos, recebeu o título de Cidadão Honorário de Brasília, concedido pela Câmara Legislativa. "Desde que fui para São Paulo, esperava o dia de ter este reconhecimento. Sempre me orgulhei de falar para o mundo inteiro que comecei a jogar basquete aqui, no Clube Unidade de Vizinhança, com o Zezão e com o Miura. Foram somente três anos, mas muito intensos, que serviram para trilhar meu caminho, fazendo com que eu fosse um grande jogador de basquete", discursou.

Schmidt deixou as quadras oficialmente em 2003, defendendo o Flamengo. Mas Brasília reservou espaço para a última cesta. Em 6 de

junho, o Ginásio do Maristão, na 915 Sul, foi o palco do jogo derradeiro do Mão Santa. A despedida memorável, onde tudo começou, foi acompanhada por quase 5 mil pessoas e reuniu ex-companheiros no jogo entre os medalhistas de ouro dos Jogos Pan-Americanos de Indianápolis-1987 — a conquista de maior magia da carreira do atleta — e o time batizado de Amigos do Oscar, com ídolos como Rosa Branca, Dodi e Carioquinha.

Então astro do Denver Nuggets, da NBA, Nenê Hilário protagonizou uma participação especial ao cravar uma enterrada após pegar uma bola perdida por Oscar. A equipe do Pan venceu por 92 a 64. Na homenagem, Oscar se declarou por Brasília. "Nunca vou esquecer esse dia. Nasci em Natal e tenho muito orgulho de ser embaixador de Brasília. Comecei a

Candangos em quadra

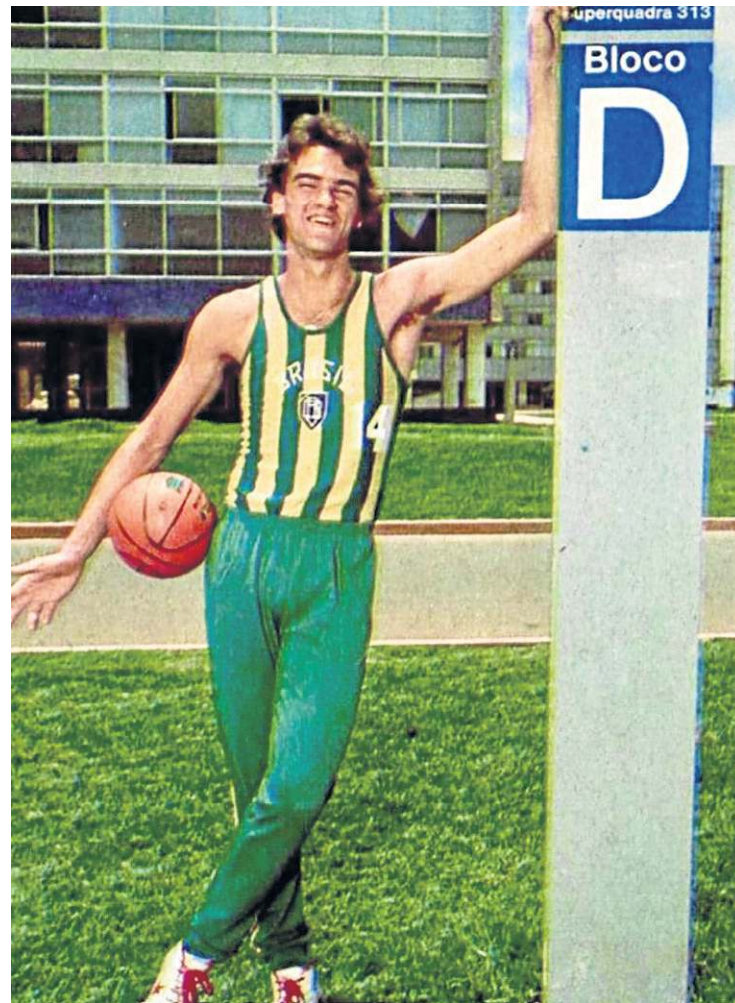
Em luto pela morte do mais célebre jogador do basquete brasileiro, dois clubes do Distrito Federal entram em quadra neste fim de semana. Hoje, às 11h15, o Brasília joga o último compromisso da fase regular do NBB contra o Bauru, no Nilson Nelson. Haverá o respeito de um minuto de silêncio em homenagem a Oscar. Amanhã, às 17h, o Cerrado cumpre a penúltima rodada da LBF, no Sesc Ceilândia, contra o líder Sampaio Corrêa e sob a inspiração de Mão Santa.

jogar basquete aqui, por isso escolhi Brasília para dizer adeus", discursou, tomado pela emoção.

Entre quadras de cimento, tabelas de madeira e sonhos insistentes, Oscar Schmidt transformou Brasília em ponto de partida de uma trajetória impossível de repetir. A cidade não apenas revelou um arremesso histórico: moldou um símbolo incomparável no basquete nacional. Cada bola lançada no Vizinhança ecoou décadas depois em ginásios lotados ao redor do mundo. No fim, a lógica do esporte se curva à poesia: um dos maiores cestinhas da história começou exatamente onde a modalidade ainda era só promessa. E, dali, saiu eterno.

* Estagiários sob a supervisão de Marcos Paulo Lima

Revista Manchete



Na Seleção Brasileira, Mão Santa posou para foto histórica na cidade

"O Brasil carece de ídolos e nós perdemos um dos maiores do nosso basquete, da história do nosso país. Ele foi um símbolo de grandeza"

Andreza Almeida, presidente da FBDF, ao Correio

Linha do tempo — A vida e a carreira de Oscar Schmidt

1978

Conquista o título sul-americano e a medalha de bronze pelo Brasil no Mundial das Filipinas

1979

No Sírio, conquista um dos títulos mais importantes da carreira: a Copa William Jones, o mundial interclubes de basquete

1980

Disputa a primeira Olimpíada com a camisa verde-amarela e marca 169 pontos em Moscou-1980

1982

Chega à Itália e permanece no país por 11 temporadas: oito no Juvecaserta e mais três pelo Pavia

1984

Participa de Los-Angeles-1984, repete os 169 pontos e chama atenção da NBA, mas recusa pela condição de abdicar da Seleção